

A guerrilha na Rússia: em defesa da pátria

Alexander Zhebit¹

Resumo: Entender o porquê da luta da sociedade contra invasores estrangeiros e em defesa de seu país, a despeito da opressão política e social do seu regime, instiga-nos a refletir sobre o paradigma, que jaz nas raízes culturais tradicionais do povo e da sociedade, ligadas ao sentimento histórico da Pátria. Ao apresentar a narrativa dos três casos da máxima expressão patriótica dos povos da Rússia e da União Soviética na história russa - os da Guerra Patriótica de 1812, da Guerra Civil (1917-1922) e da Grande Guerra Patriótica (1941-1945), procura-se afirmar, com base em trabalhos selecionados da historiografia russa e soviética e documentos de arquivos, que a tradição de espírito da Pátria se mostrou persistente em diferentes épocas históricas e foi fundamental na sobrevivência do Estado russo e soviético.

Palavras-chave: Patriotismo, Guerrilha, Guerra Patriótica de 1812, Guerra Civil na Rússia (1917-1922), Grande Guerra Patriótica (1941-1945)

¹ Professor Associado, Doutor in História, Programa de pós-graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, e-mail: alex@cfch.ufrj.br

Introdução

Quando se debruça sobre como a sociedade de um Estado contempla a sua sobrevivência, frente a uma ameaça de *debellatio*², ou seja, da desintegração e da aniquilação deste Estado por uma guerra, o imaginário recorre a narrativas histórico-culturais que descortinam os fatos, as tendências e os estímulos ao desenvolvimento da consciência do povo, que atribuímos à vontade de resistência à invasão e de defesa da sociedade deste Estado, que em momentos históricos de ruptura, é aludido como a Pátria³. Usando termos mais gerais e abstratos, este artigo procurará refletir sobre a tradição e a cultura patrióticas e sobre suas consequências para a sobrevivência de Estados, com base em narrativa de alguns casos históricos da guerrilha, uma expressão máxima de patriotismo cultural e histórico.

A conceituação do sentimento de Pátria pode ser traçada às conferências de G.W.F. Hegel sobre a Filosofia de História. Numa visão idealista do processo da evolução do espírito absoluto, Hegel deduzia a evolução da história mundial dos fenômenos do *Weltgeist* ("espírito mundial"), do *Volksgeist* ("espírito do povo") e do *Zeitgeist* ("espírito do tempo"). *Volksgeist* é "um espírito determinado de povo", que "por si próprio, é um indivíduo na marcha da História Universal." (ГЕГЕЛЬ, 1992, p. 102).

Tal princípio na história é a concretude de espírito – um espírito específico do povo. Nesta concretude exprimem-se todas as facetas de sua consciência, de sua vontade, de toda a sua realidade; nela se exprime o traço comum distintivo de sua religião, de seu regime político, de sua moral, de seu sistema da

justiça, de seus costumes, bem como de sua ciência, suas artes e suas indústrias. (ГЕГЕЛЬ: 1992, p. 112, tradução livre do russo)

O espírito da Pátria, que simboliza uma vinculação do *Volksgeist* com o Estado, enfatiza predominantemente um afeto pelos costumes sociais, normas tradicionais, símbolos, valores culturais, lugares e objetos naturais que formam uma pátria, ou seja, um conjunto de fatos objetivos, ritos, narrativas e memórias históricas que não são correlacionados necessariamente com o surgimento de Estados. (CHURCH, 2011)

Por outro lado, a diferenciação entre *Gemeinschaft e Gesellschaft*, ou seja, entre a comunidade e a sociedade, caracteriza a distinção entre o sentimento da pátria local ou definida em termos de laços culturais, linguísticos, religiosos, familiares ou sanguíneos, e o sentimento da pátria em termos mais amplos, inerente a uma sociedade, em termos de um Estado-Nação.

Nesta conceituação idealista, o *Volksgeist* caracteriza o povo, ainda antes do surgimento de Estados e da formação das Nações. O sentimento da Pátria, ou patriotismo, é mais profundo e mais antigo do que o sentimento da Nação, ou nacionalismo, sendo este último, no seu âmago, uma doutrina de Estado-Nação. A Pátria, constituída pelas narrativas de história, de memória, de raízes culturais e linguísticas, a noção que fomenta o sentimento que chamamos de amor à Pátria, antecede a fundação de Estados ou suas metamorfoses históricas, evolui ao longo da continuidade da existência das comunidades que povoam um território e constroem sua vida social nele. Uma diferença entre o sentimento nacional e o espírito do povo, ou o temperamento do povo, notado por Hans

² Do latim, *debellatio* (destruição completa de um estado pela guerra).

³ Do grego antigo, *patriotes* (do mesmo país), de *patria* (pátria).

Morgenthau, particularmente com respeito ao temperamento do povo russo (MORGENTHAU, 2003, pp. 251-262), bem como por P. Renouvin e J.-B. Duroselle (RENOUVIN et al.: 1967, p. 181-185, 239-243) consiste na diferenciação entre os agentes que fomentam estes espíritos de consciência popular: o Estado, no que se refere ao nacionalismo, e a sociedade ou a comunidade, no que tange ao patriotismo.

A distinção a ser traçada entre o patriotismo e o nacionalismo insere-se no debate que pode ser considerado clássico na ciência política. Rousseau destaca as virtudes do patriotismo polonês na época da maior debilidade da Polônia, depois da sua primeira partilha em 1772 (ROUSSEAU, 2003, p. 224-225, 230, 231, 232-235) e esboça o caminho da recuperação de sua condição estatal com base em amor à Pátria. Saint-Simone no manifesto *“De la réorganisation de la Société européenne ou des moyens de rassembler les peuples de l’Europe em um seul corps politique”* e Lord Bolingbroke na obra *“Patriot King: on the spirit of patriotism”* entendem o patriotismo não somente no sentido de amor à Pátria, mas em termos de reino de liberdade. Lord Acton, nos seus ensaios *“Essays on Freedom and Power”*, afirma que a nacionalidade não visa a liberdade, a prosperidade; ela sacrifica as duas à necessidade de adaptar-se ao Estado. Ernest Renan entende que a nação não existe fora da consciência nacional e que a nação é um passado comum e um consentimento comum de viver juntos, continuando a dar valor a este passado comum. Enquanto o patriotismo é uma consequência de uma vivência histórica em conjunto, uma fonte de direito natural, o nacionalismo é uma doutrina de Estado-Nação, cuja formação data desde os meados do século XIX.

Nas palavras de Gustavo Corção, que chama o nacionalismo de “um vício que se opunha à virtude de um autêntico

patriotismo”: “No que concerne à pátria, haverá dois vícios opostos ao verdadeiro e bom patriotismo. E um deles - o que pretende servir à pátria com instrumentos da inimizade e da agressividade, como se fosse ela um fim absoluto - é o que ... foi chamado de nacionalismo.” (CORÇÃO, 1957, p. 18-19)

A separação dos dois conceitos neste artigo é indispensável para distinguir o nacionalismo de patriotismo. O primeiro é um instrumento da formação de estados e da criação de identidade comum e da consciência nacional das sociedades, mas em função da política pode servir de uma fonte de conflitos e de guerras por causa de xenofobia, de chauvinismo, de militarismo e mesmo de imperialismo, expressados por ele. Pelo contrário, o patriotismo é lembrado como oposto ao nacionalismo. Falado por ocasião dos 100 anos do fim da Primeira Guerra Mundial:

porque o patriotismo é contrário ao nacionalismo: o nacionalismo é a sua traição. Quando se diz “nossos interesses em primeiro lugar e os dos outros não importam”, apaga-se aquilo que a nação tem de mais precioso, o que a faz viver, o que a faz engrandecer, o que é o mais importante - seus valores morais. (Document, 11 novembre 2018, tradução livre do francês)

Entre as referências ao sentimento da Pátria, consideradas por historiadores como exemplos clássicos, há duas vetustas historiografias da resistência épica das guerrilhas populares aos invasores estrangeiros. A primeira delas constitui-se nas guerras da guerrilha dos povos da Espanha e da Rússia contra a invasão imperial napoleônica. A segunda refere-se ao movimento de *partisans* contra as forças de ocupação alemã e dos países do Eixo durante a Segunda Guerra Mundial, na União Soviética, na Iugoslávia, na Grécia, na Itália, na

França, na Bélgica e em outros países ocupados durante o segundo conflito mundial.

As duas narrativas fazem-nos lembrar que os pretendentes ao domínio mundial - Napoleão Bonaparte e Adolf Hitler - fracassaram nos seus desígnios, enfrentando, além das forças armadas dos países agredidos, as resistências populares, quando um tentou dominar a Espanha e conquistar a Rússia no início do século XIX e outro ocupou a Europa e invadiu a União Soviética em meados do século XX.

O artigo debruça-se sobre a narrativa de patriotismo das sociedades, na História Moderna e Contemporânea da Rússia e da União Soviética. Nele serão examinados três casos de guerras de guerrilha, em que o espírito da Pátria foi fundamental na defesa do país invadido e ocupado pelos agressores externos. O primeiro é o movimento popular da guerrilha camponesa contra os invasores franceses na Guerra Patriótica de 1812. O segundo caso trata de uma guerra de guerrilha contra ocupantes estrangeiros e partes beligerantes durante a Guerra Civil na Rússia (1917-1922). O terceiro caso refere-se ao patriotismo da guerrilha nos territórios soviéticos, ocupados pela Alemanha e pelos seus aliados durante a Grande Guerra Patriótica (1941-1945). Nos três casos estudados, o grau de espírito patriótico da sociedade e dos movimentos da guerrilha adquire uma relevância máxima para a análise do tema de patriotismo popular.

Cabe-nos, nesta parte introdutória, esboçar alguns propósitos, referentes à gênese histórica do espírito de resistência do povo, de face a invasões estrangeiras, recorrendo a obras historiográficas e alguns fatos notórios da história da Rússia.

A formação dos valores da Pátria na Rússia recua à História Antiga e brota

desde a cristianização da Rússia e associa-se aos atos de resistência ao domínio estrangeiro. Segundo escreve Vassily Kliuchevskiy,

A consciência ou, melhor, o sentimento da unidade popular da Terra Russa não é um fato novo dos séculos XV-XVI: é a obra da Rus de Kíev dos séculos XI - XII ... Eu dizia que naquele tempo ele (o sentimento - *destaque nosso*) expressava-se nem tanto na consciência do caráter e do destino histórico do povo, como na ideia da Terra Russa como uma *pátria comum*. (КЛЮЧЕВСКИЙ:1904, Лекция XXV, tradução livre do russo).

O jugo tártaro-mongol sobre os principados russos, de um quarto de milênio de duração (1240 - 1480), é um dos capítulos mais sofridos na história dos povos da Rússia. Além dos tártaros-mongóis, os territórios russos foram ameaçados pelas tribos germânicas, pela Levônia, pela Polônia e pela Suécia. A resistência aos invasores era a premissa da existência do povo, conforme escreve o historiador Serguei Platonov:

Praticamente simultaneamente, a tribo da Grande Rússia era cercada dos três lados pelos inimigos que a estavam atacando. Por conseguinte, a autodefesa tornou-se o objetivo principal da tribo; esta não era uma luta pela liberdade (que havia sido roubada pelos tártaros), mas era uma luta pela existência histórica, pela integridade da tribo e da religião. ... Devido a isto, a tribo teve que adotar uma organização de Estado puramente militar e guerrear em "três fronts". (ПЛАТОНОВ, 1993, p. 457, tradução livre do russo)

A superação da *Smuta*⁴ (1605-1612) e a libertação da Cidade e do Estado de Moscou do domínio do Reino da Polônia em outubro de 1612, alcançadas pela aliança, formada, por um lado, por cossacos, comerciantes, artesãos e cidadãos em geral e, por outro, pelo segmento anti-polonês da nobreza, deveram-se à instauração de um movimento de resistência popular, organizado e liderado por representantes da sociedade russa – o *stárosta*⁵ Kuzma Mínine e o duque Dmitri Pojársky. Este movimento tanto originou-se do sentimento patriótico de luta contra os invasores, quanto contribuiu para a sua consolidação.

As reformas políticas, econômicas, religiosas e sociais, implementadas na Rússia por Pedro I, o Grande, desde o final do século XVII até a morte do monarca, trouxeram uma divisão para a sociedade russa e não contribuíram para a consolidação do espírito patriótico dos russos, por as reformas estarem associadas à influência externa ocidental e, portanto, consideradas prejudiciais à cultura nacional (*Велит носить немецкое платье, знатно что родился от немки*)⁶ (ПЛАТОНОВ, p. 532-533). Não se transformando em uma oposição aberta, a insatisfação popular com as reformas, refletiu-se nas migrações das massas populares, tanto internas (dos cossacos, para a Sibéria), quanto externas (dos aristocratas, à Europa) (ПЛАТОНОВ, p. 533).

Foi durante o reino de Catarina II, a Grande (1762-1796), uma alemã de nascimento, que a Rússia se projetou, como uma grande potência, na arena da política europeia. Contrariamente à alienação do povo

com relação às reformas de Pedro, que feriram o tradicionalismo cultural e religioso, Catarina conseguiu reunir o povo em torno do espírito patriótico, derrotando, neutralizando e afastando das fronteiras russas os adversários tradicionais da Rússia: tártaros da Crimeia, turcos otomanos e poloneses. Escreve Kliutchevskyi,

... a política externa foi a cena, sobre a qual Catarina podia conquistar a disposição popular de modo mais apropriado: aqui foram resolvidas as questões, que foram entendidas e recebiam a simpatia de todo o povo; o polonês e o tártaro foram na Rússia da época os inimigos mais populares (КЛЮЧЕВСКИЙИ, Conf. LXXVI, tradução livre do russo)

Propondo o programa de modernização da sociedade, tendo como base a cultura popular e os interesses da consolidação do poder, ela atendeu aos "anseios tradicionais do povo e do governo russos" (ПЛАТОНОВ, p. 638). O seu principal objetivo foi resgatar a confiança da nobreza e do povo, que foi abalada durante o reino de Pedro III (1761-1762), devido à celebração por este último de uma paz com a Prússia, tirando assim a Rússia da Guerra dos Sete Anos. Segundo Vassily Kliutchevskyi: "O antecessor ultrajou o sentimento nacional, desprezando tudo o que era russo, ao entregar a Rússia, com a cabeça, ao seu inimigo; Catarina viu-se obrigada a agir fortemente dentro do espírito nacional, recuperar a honra espezinhada do povo". (КЛЮЧЕВСКИЙИ, Conf. LXXVI, tradução livre do russo)

⁴ *Smuta* (1605-1612), o período do declínio do Estado de Moscou, caracterizado pela descontinuidade dinástica, pelas rivalidades internas e pelos conluíes de uma parte da nobreza russa com o Reino da Polônia, que resultou na entronação em Moscou de vassalos poloneses.

⁵ *Stárosta* – um dirigente ou governante local, eleito ou nomeado pela autoridade autocrática na Rússia nos séculos XVI - início de XX.

⁶ "Se manda vestir o traje alemão, sabe-se que nasceu de uma alemã" (tradução livre do russo). (Comentário: "nemets", "nemka" (um alemão, uma alemã) significavam na então linguagem popular da Rússia "um estrangeiro, uma estrangeira".)

Os elementos acima mencionados emanaram dos preceitos comuns da Idade da Razão e da época dos “déspotas iluminados”. No entanto, no caso da Rússia, pautaram-se pelo patriotismo, nutrido pela monarca. A Catarina, a Grande, durante o seu reino, demonstrou uma compenetração pelo espírito patriótico tradicional do povo e da sociedade do país que ela reinou e governou durante um terço de século.

Para os efeitos da análise temática da ligação entre a resistência, que a sociedade russa ofereceu nos casos das guerras de invasão estrangeira, e a consciência e a identidade patrióticas, que se manifestaram neste ato de resistência, recuaremos à história moderna e contemporânea da Rússia, examinando alguns exemplos históricos excepcionais da tradição de patriotismo russo.

Ao focarmos especificamente na guerrilha, na “guerra popular”, devemos entender que esta, conforme a compreensão de Karl von Clausewitz, é “um fenómeno surgido no século XIX”, que há quem o considere, “de um ponto de vista político, como um meio revolucionário, um estado de anarquia legalizada, tão perigoso para a ordem social no interior como para o inimigo.” (CLAUSEWITZ, 2003, p.669). Reconhecendo este perigo eventual para a estabilidade de um Estado em guerra, Clausewitz admite que “está na ordem natural do mundo moral que um povo utilize, inclusive, os últimos meios de salvação quando é impelido para a beira do abismo” (Ibidem, p. 676).

Considerando de perto estes dois lados da guerra popular, argumentar-se-ia neste artigo que a vontade da luta da sociedade contra invasores estrangeiros e em defesa de seu país, não obstante o grau da opressão política e social dos regimes vigentes ou provisoriamente extintos, devido

à ocupação estrangeira, sempre predominava sobre os sentimentos de derrotismo, de descrença na libertação do invasor, desembocando amiúde em levantes contra Estados autocráticos e opressores.

A Guerra Patriótica de 1812

Sem dúvida alguma, o momento mais portentoso na história da Rússia, quando a sociedade se equiparou com o Estado, numa resistência sem igual a uma invasão estrangeira e acompanhou lado a lado a resistência do próprio Estado ao invasor, foi a Guerra de 1812, que recebeu o atributo de *patriótica*. A intervenção do Império napoleônico na Rússia a fim de conquistar o único país da Europa continental, que até então não havia caído vítima da expansão imperial da França, foi deflagrada em 24 de junho de 1812, quando *La Grande Armée*, constituída de mais de 600 mil homens, em revelia dos Tratados de Tilsit e de Frankfurt, atravessou a fronteira russa e invadiu o país. Invencível até então, Napoleão esperava conquistar a Rússia, da mesma maneira como ele conseguiu dominar todos os reinos europeus: após uma derrota infligida ao adversário numa batalha triunfal, celebrando, em seguida, um acordo de paz, o que aconteceu com um ator vulto – o Império Austríaco.

Na invasão da Rússia em 1812, Napoleão encontrou um país e um povo que ele não conhecia e cujos espírito e cultura ele nunca conseguiu entender. A primeira grande batalha pela cidade de Smolenks, que Napoleão venceu, deixou a impressão de que a ofensiva seria célere e desimpedida, porque tudo corria igual às outras campanhas dele. Porém, a batalha de Borodínó, em 26 de agosto, sangrenta e dura,

com perdas totais dos dois exércitos de 100 mil homens, em um dia só, que não deixou qualquer balanço definitivo para nenhum dos lados, mostrou a Napoleão que o adversário era forte, cauteloso, não teve medo de morrer e iria resistir. O conseqüente recuo do exército russo e o abandono de Moscou foram as ações deliberadas de Kutuzov⁷ a fim de salvar o exército da derrota, o que aconteceria se ele persistisse no enfrentamento contínuo com Napoleão. Na aldeia de Fili, perto de Moscou, onde aconteceu a famosa reunião do conselho de guerra russo, ainda antes do abandono da antiga capital, Kutuzov disse: "Enquanto o exército existir e ser capaz de resistir ao adversário, até lá teremos a esperança de levar a guerra ao cabo de uma maneira favorável, mas se o exército se perder, Moscou e a Rússia irão perecer" (Apud ТАРЛЕ, p. 157-158). Moscou foi abandonada e como era de esperar, a ocupação de Moscou por Napoleão não significou nenhum ganho estratégico, porque a cidade, que nem era a capital da Rússia, ficou sem habitantes, esvaziada das provisões e, ainda por cima, incendiada e queimada.

Como o andamento e a cronologia da guerra não se constituem no objeto próprio deste artigo, procura-se destacar aqui a postura e a participação da sociedade russa na Guerra de 1812. A estrutura social caracterizava-se pela divisão em classes, entre as quais se destacava o grupo mais populoso do país agrário que foi a Rússia, - o campesinato. Este e as outras camadas - a nobreza, mercadores, o clero ortodoxo, cosacos, fazendeiros, a emergente classe capitalista, operários⁸, os últimos, embora poucos, chegando a umas 150 mil pessoas, - contribuíram todos proporcionalmente

para a derrota do exército napoleônico, porém, o papel dos camponeses foi predominante e decisivo.

Ainda nos anos de 1805 a 1807 e na véspera da invasão napoleônica, corriam boatos entre camponeses russos, sobretudo, serventes e servos, que habitavam próximo das cidades, de que Napoleão traria a libertação dos camponeses da servidão russa. Na realidade aconteceu o contrário. Longe de ser libertador do campesinato russo da servidão, o exército de Napoleão não apenas pilhou, saqueou e matou camponeses indómitos, mas restituiu propriedades, que foram tomadas pelos camponeses nas províncias lituanas e bielorrussas, através das insurreições durante a invasão napoleônica, aos fazendeiros. A fúria dos camponeses nestas províncias foi redobrada pelas intenções da parte de sua nobreza de se libertar do domínio russo (ТАРЛЕ, p. 190-191).

Escreve o historiador russo Euguêni Tarlê, comentando a postura do campesinato na Guerra Patriótica de 1812, o qual, mesmo inconformado com o regime da servidão, saiu em defesa do czar e da Pátria:

À primeira vista, aparentemente, damos conta de um fenômeno estranho: o campesinato, que odiava a repressão da servidão, que protestava contra ela assassinando fazendeiros e instigando insurreições, registradas nas estatísticas anuais, que pôs em cheque todo o sistema da servidão, havia uns 37-38 anos na revolta de Pugatchiów, - este próprio campesinato vê Napoleão como um inimigo ferrenho, luta contra ele, sem poupar forças, recusa fazer aquilo que faziam camponeses de toda a Europa conquistada, exceto a Espanha, ou seja,

⁷ Príncipe Mikhail Illarionovich Goleníschev-Kutuzov (1745 - 1813), marechal de campo, comandante-em-chefe do exército russo durante a Guerra de 1812.

⁸ Operários, na Rússia do início do século XIX, ainda estavam em condição de servos, embora trabalhassem em fábricas e empresas industriais.

recusa fazer quaisquer transações com o adversário, queima os cereais, queima a forragem, queima suas próprias *izbas*⁹, se ele consegue queimar forrageadores franceses dentro delas, ajuda ativamente aos *partisans*¹⁰, manifesta um ódio tão desenfreado ao exército invasor, que os franceses nunca e em nenhum lugar encontraram, exceto na própria Espanha. (ТАРЛЕ, pp. 189-190, tradução livre do russo).

Já na etapa inicial da Guerra de 1812, a resistência dos camponeses à servidão passou logo para o segundo plano, diante da probabilidade de que uma ruína da Rússia provavelmente levaria a uma escravidão de todo o povo russo pelo conquistador estrangeiro.

Os recrutamentos para o exército multiplicaram-se. Os recrutas vinham sendo aceitos não somente sem resistência, mas com o ânimo nunca visto ou ouvido antes. Na sua carta, M. Volkova, em 30 de setembro de 1812, escreve à sua amiga V. Lanskaya,

Moramos em frente ao posto de recrutamento do exército, toda manhã somos acordados por milhares de camponeses: eles choram até que lhes barbeiem as testas¹¹, mas ao tornarem-se recrutas, dançam e cantam, dizendo que não há porque se entristecer, porque assim é a vontade de Deus. (Apud ТАРЛЕ, p. 192, tradução livre do russo)

O que é importante destacar é a reação da sociedade à invasão francesa. O movimento popular dos *partisans*, que co-

meçou logo após a batalha de Borodínó, alcançou um êxito extraordinário devido ao apoio voluntário do campesinato. Ainda antes de Denis Davydov¹² ter apelado ao levante popular contra os franceses, os camponeses já estavam lutando contra o exército francês. Tchetvertakov, Guerássim Kúrin, starostikha¹³ Vassilissa, Stepan Ieriómenko, Samus, Iermolai Vassiliev são alguns dos nomes dos organizadores de destacamentos camponeses guerrilheiros pelos próprios camponeses. A camponesa Praskóvia da aldeia Sokolovo da província de Smolensk, defendendo-se sozinha contra seis (sic!) franceses, matou com forçado três deles, entre eles um coronel, feriu e fez correr os três restantes. Praskóvia, cujo sobrenome ficou desconhecido, tornou-se famosa, graças ao general suíço Antoine-Henri Jomini, nomeado por Napoleão como governador da cidade de Smolensk, ocupada durante a campanha de Napoleão na Rússia. Jomini, protegendo um intendente do exército francês, que não cumpriu a ordem de providenciar alimentos e cavalos ao exército, contra a raiva de Napoleão, contou ao imperador a lenda sobre a inalcançável Praskóvia e suas façanhas atrevidas na luta contra os soldados franceses, salvando assim o pobre intendente de um fuzilamento. Aconteceu que, mais tarde, Jomini passou a servir ao Império Russo. Escreve E. Tarlê,

Precisamente o camponês russo destruiu a magnífica, primeira no mundo, cavalaria de Murat, cujo avanço colocava em fuga todos os exércitos europeus; e ela foi destruída pelo camponês russo, que fez morrer de fome os cavalos dela, queimando o capim e a aveia, que os forrageadores

⁹ Izba (f), habitação de camponês russo.

¹⁰ *Partisan*, o nome de guerrilheiro na Rússia.

¹¹ “Barbear a testa” fazia parte do ritual de recrutamento.

¹² Denis Davydov, militar russo, tenente-general, conhecido como organizador do movimento da guerrilha (*partisans*) contra os franceses na Guerra Patriótica de 1812.

¹³ *Starostikha* (feminino de *stárosta*), cargo eleito de administradora de uma gleba camponesa.

napoleônicos buscavam, e queimando, de vez em quando, os próprios forrageadores... Napoleão calculava, na sua estratégia, o número dos seus exércitos e dos de Alexandre, mas ele teve que lutar contra o povo russo, do qual ele havia se esquecido. (ТАРЛЕ, pp. 199- 200,)

Em 23 de setembro (5 de outubro) Jacques Alexandre Bernard Law, marquês de Lauriston, general ajudante de ordem de Napoleão, que veio negociar com Kutuzov o armistício e a conclusão de um eventual tratado da paz, queixou-se das “barbaridades” cometidas durante a guerra pela população contra o exército napoleônico. Kutuzov, ao rejeitar a proposição da paz, porque não foi a Rússia que começou a guerra, retorquiu que pela primeira vez na vida dele ouvia queixas a respeito do amor a sua Pátria pelo povo, que se defendia contra os invasores, e que “tal povo merece, com a toda a justiça, elogios e uma admiração”. (Apud ОТЕЧЕСТВЕННАЯ, том 1, c. 429-430).

Se antes da batalha de Borodinó a guerrilha foi conduzida principalmente por grupos de camponeses e de habitantes de cidades, criados espontaneamente, então, depois de Borodinó organizou-se o movimento de guerrilha, apoiado e habilmente utilizado pelo exército russo. Os destacamentos de *partisans* superaram em número os das forças regulares do exército russo e o teatro da resistência popular se estendeu por todo o território ocupado. (Ibidem, c. 431)

Segundo testemunhos dos contemporâneos, camponeses lutavam contra o Napoleão com este heroísmo porque acreditavam que, através desta luta, eles “mereceriam a liberdade” com que o czar iria os

agraciar. (ТАРЛЕ, p. 200). Porém, esta “libertação” não se atinha aos interesses da nobreza e dos fazendeiros. O próprio ódio destes últimos ao Napoleão, devido à intenção do mesmo de emitir um decreto de libertação dos camponeses da servidão czarista, após a conquista da Rússia, misturado com o medo, provocado pela própria invasão e pelos sequestros e saques das propriedades abandonadas na terra ocupada, juntaram-se à recente insatisfação com o “bloqueio continental” napoleônico. Todos estes fatores colocaram inequivocamente as classes altas da sociedade russa do lado do governo czarista.

Os fazendeiros armaram os camponeses que começaram a atacar sistematica e ardilosamente o inimigo comum. Não se repetiram mais os atos, que ocorreram na Bielo-Rússia. Nós entramos nas profundezas da Rússia legítima. A nobreza, o clero, os mercadores, os camponeses foram reunidos por uma inspiração comum ... Em toda a parte, assistíamos somente a sacrifícios heroicos ...” (Apud ХАРКЕВИЧ, 2007, p. 82-83, tradução livre do russo)

As doações e contribuições da nobreza, mas, sobretudo, dos mercadores, para o tesouro da Rússia foram significativas. Além disso, contratos dos mercadores com a intendência do exército russo foram bastante atraentes, permitindo que alguns deles se enriquecessem por causa da Guerra (“жизнь пошли после француза”)¹⁴. (ТАРЛЕ, p. 207).

O clero ortodoxo russo, sempre um grande inspirador da consciência popular em todas as épocas da história da Rússia, encontrava-se numa situação delicada, por ter declarado Napoleão, ainda em 1807, um

¹⁴ “começaram a prosperar depois do francês” (tradução livre do russo)

"precursor do Anticristo". No período da calmaria nas relações russo-francesas, depois da paz de Tilsit, entre 1807 e 1811, este anátema foi silenciado. Mas mesmo depois da invasão da Rússia, em 1812, ele nunca mais foi reiterado, justamente porque a suposta invencibilidade do Anticristo poderia desmoralizar e desmobilizar o espírito de resistência popular (TAPJIE, p. 214-215).

O movimento de guerrilha (de *partisans*), que chegou ao seu apogeu na segunda parte da Guerra, aquando da retirada do exército napoleônico de Moscou, certamente se assemelhava à guerrilha na Espanha. Isto foi reconhecido mais tarde pelos líderes da guerrilha na Rússia, entre eles o coronel Tchuikiêvitch, que escreveu sobre isto nas "Reflexões sobre a guerra de 1812", publicado em 1813. Mas existia uma notável diferença entre as guerrilhas, russa e espanhola, que se expressava nos seguintes fatores. Primeiro, os camponeses russos, a força principal da guerrilha, combatiam tanto na guerrilha, quanto nas fileiras do exército regular, o que não se viu na Espanha, onde a resistência armada do exército fragmentado foi fomentada pelos aliados – Inglaterra e Portugal. Segundo, os destacamentos da guerrilha popular russa foram comandados por muitos oficiais profissionais do exército. Terceiro, os cossacos, uma força temida por franceses, constituíam uma importante parte dos guerrilheiros, de modo que o *ataman*¹⁵ Platov chegou a afirmar que a glória dos *partisans* na vitória era exclusivamente a dos destacamentos dos cossacos e não dos camponeses. Esta tese foi replicada na historiografia francesa, em que se afirmava que foram os cossacos russos que causaram um enorme dano à *La Grande Armée* na sua retirada, para que não se perdesse a face, dizendo que o exército foi debilitado e arruinado por *partisans*, constituídos por camponeses. Escreve

Tarlê, "Por amor à justiça, cabe reconhecer, que os *partisans* trouxeram um enorme e indubitável proveito, desde o mês de setembro até (a batalha de - inclusão nossa) Bereziná, isto é, no final do mês de novembro" (TAPJIE, p. 259). Finalmente, a comparação dos espaços territoriais da Rússia e da Espanha não deixa dúvidas sobre as enormes dificuldades de manter a retaguarda do exército francês atuante e segura durante a invasão na Rússia, bem como sobre a facilidade do exército russo de manobrar no território enorme de seu próprio Estado.

Cabe aludir a Euclides da Cunha em "Os Sertões", que recorda a periculosidade da tática da guerrilha, empregada pelos insurgentes de Canudos:

os guerrilheiros esquivos cuja força estava na própria fraqueza, na fuga sistemática, num vaivém doudejante de arrancadas e recuos, dispersos, escapantes no seio da natureza protetora. ... Não havia até a possibilidade de um combate, no rigorismo técnico do termo. (EUCLIDES DA CUNHA, p. 205)

Não é de atribuir a Napoleão e aos seis generais uma trágica ignorância geográfica, mas o fato de Moscou ter sido visado como alvo da conquista na guerra contra a Rússia contribuiu em muito para a derrota de sua estratégia de invasão. Aliciado por Kutuzov e Barclay de Tolly para o interior profundo do território russo, Napoleão, buscando como sempre uma batalha definitiva e não a alcançando, deixou-se enganar pela perfídia da manobra e caiu na armadilha estratégica russa. Os destacamentos dos camponeses e grupos do exército cercaram as forças de Napoleão em Moscou e criaram condições insuportáveis

¹⁵ *Ataman* é chefe dos cossacos.

de sua permanência na antiga capital russa por falta de provisionamento, constantes ataques e incêndios provocados. (ОТЕЧЕСТВЕННАЯ, том 1, с. 434) O movimento da guerrilha foi a manifestação importantíssima da Guerra Patriótica. O levante popular a fim de defender a Rússia agregava, além da guerrilha, uma guerra popular espontânea dos camponeses, as escaramuças e as investidas dos cossacos contra franceses. Toda esta guerra do povo criava uma ameaça insuperável para o exército de Napoleão.

Em 19 de outubro o exército francês deixou Moscou em direção a Smolensk. Perto da cidade de Mojáisk, o exército francês, deparou-se com um vale enorme, de terreno acidentado e com muitos sinais de uma grande destruição. Ali os franceses reconheceram o campo da batalha de Borodínó, onde, em 26 de agosto, aconteceu a maior batalha com os russos. O vale estava coberto por cadáveres putrefatos de soldados e de carniças de cavalos, por canhões destruídos e fuzis enferrujados. O exército russo estava acompanhando a retirada do exército napoleônico, paralelamente, mas sempre do lado do sul, sem entrar em combates grandes e sem deixar o exército de Napoleão mudar a direção da retirada, o que intrigava o estado-maior francês. A manobra russa foi compreendida mais tarde e com um atraso fatal. O território em direção ao sul de Moscou tinha reservas de alimentos e de animais de tração. Quando o exército de Napoleão entrou na cidade de Smolensk, em 8 de novembro, ele encontrou esta grande cidade russa vazia e sem provisões.

Por falta de acesso às provisões, impossíveis de serem providenciadas por

causa do cerco e da tática da “guerra total”, o exército napoleônico foi acometido pela fome em massa e pelas resultantes inanição e doenças dos soldados, pela falta da forragem e pela conseqüente mortandade de cavalos em milhares de cabeças, o que obrigava os franceses abandonar canhões, escassas cargas de provisões, largar os feridos e os doentes, condenados a uma morte terrível, caso não fossem encontrados e aprisionados pelo exército regular russo, inclusive o gordo butim que eles traziam de Moscou.

Deixando Smolensk, em que o exército permaneceu de 08 a 17 de novembro, a retirada do exército napoleônico transformou-se em uma debandada, levando *La Grande Armée* à ruína. A fome adquiriu dimensões catastróficas no exército francês e obrigou as tropas comer não somente a carniça, mas se alimentar com a carne das pessoas mortas, o que tornou canibalismo um fenômeno comum entre os soldados. É muito importante constatar que foi a fome generalizada que destruiu o exército francês na sua retirada da Rússia, e não o "General Inverno", que uma parte da historiografia francesa alega ser o responsável pela derrota de Napoleão. A fome se alastrou vertiginosamente no período, quando o tempo ainda estava ameno e soalheiro; o inverno de verdade, que não pode ser descartado e foi severo, só atingiu os restos do exército perto das cidades de Borissovo e de Vilno, ou seja, entre 17 de novembro e a última batalha (26 a 29 de novembro) no rio Bereziná¹⁶, na fronteira com o Ducado de Varsóvia. Por amor à justiça, deve ser dito que o exército russo sofreu do frio de inverno tanto quanto os franceses. Os restos de *La Grande Armée*,

¹⁶ Bereziná entrou no vocabulário francês com a palavra “*bérezina*” (vd. o dicionário Larousse), significando a denominação de um revés ou de um malogro total ou catastrófico.

abandonados por Napoleão (o imperador francês havia fugido em 15 de novembro da Rússia, escapando a captura pelas forças russas por um triz), atravessaram o rio Bereziná com o total de 30 mil homens, ou apenas 5% do número inicial das forças armadas que haviam invadido a Rússia em agosto do mesmo ano. (ТАРПЕ, p. 253-254, 262)

A resistência popular à invasão francesa na Rússia revelou uma prevalência determinante do patriotismo sobre o derrotismo e as manifestações de submissão ao invasor. Apesar das traições, observadas na etapa inicial da Guerra dentre a nobreza e os levantes de uma parte do campesinato contra eles, todas as classes da sociedade russa expressavam preponderante e majoritariamente sentimentos patrióticos anti-franceses, recorrendo obstinadamente aos atos contínuos de resistência. O movimento da guerrilha popular na Guerra de 1812 adquiriu tal dimensão que se transformou em fator estratégico, que contribuiu para a derrota do exército que até então nunca havia sido derrotado, bem como para o afastamento da ameaça da conquista, do desmembramento e da escravidão da Rússia e para o derrubamento posterior do império napoleônico. (ОТЕЧЕСТВЕННАЯ, том 1, 451-452)

A guerrilha popular durante a Guerra Civil Russa (1917-1922)

O panorama da Guerra Civil na Rússia apresenta um objeto de estudo muito complexo, tendo sido estudado de maneira ideologizada, desvirtuada durante anos pelos chavões da história soviética, que priorizava os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial e da Revolução de 1917 na Rússia em comparação com a Guerra Civil. Ao reunir vários conflitos em

um, a Guerra Civil não foi menos catastrófica para a Rússia do que a Guerra Mundial. Os bolcheviques conseguiram segurar o poder em suas mãos, mas às custas de grandes sacrifícios dos povos da Rússia. O país perdeu vários territórios (a Polônia, os países bálticos, a Finlândia e a Bessarábia. As perdas humanas na Guerra Civil totalizaram 13 milhões de pessoas. O valor dos danos econômico-financeiros causados pela guerra foi de 50 bilhões de rublos de ouro. Durante este conflito fratricida e sangrento o Estado soviético sobreviveu e o movimento “branco” e as intervenções estrangeiras foram vencidas.

Mesmo depois do armistício com a Alemanha que resultou na assinatura da Paz de Brest em março de 1918, o conflito direto com as forças armadas alemãs, austríacas, búlgaras e turcas tornou-se latente, mas ficou acrescido por um estado de beligerância da Rússia com os antigos aliados da Entente. Uma grande parte do território da Rússia, que, em conformidade com o Tratado de Brest, foi ocupada pelas potências centrais – pela Alemanha (Polônia, Ucrânia, Lituânia, Kurlândia, parte da Bielorrússia, Estlândia e Liflândia, mais o corpo checoslovaco na Sibéria) e pela Turquia (no Cáucaso), começou a ser invadida, sob o pretexto da guerra contra as potências centrais, pelas tropas da Entente: a Grã-Bretanha e os Estados Unidos - no Norte da Rússia (Murmansk), a França - no Mar Negro (Odessa), a Grã-Bretanha e o Império Otomano - no Cáucaso (Ardagan, Kars, Batum, Baku), o Japão e os Estados Unidos - no Extremo Oriente (Vladivostoque e a Ferrovia da China Oriental). Durante e depois da Paz de Brest, várias regiões da Rússia estavam sob a intervenção armada estrangeira até 1922.

Depois da Revolução democrática de fevereiro de 1917, no território russo,

controlado pelo Governo Provisório, deflagrou-se um conflito civil, em que as forças de transformação revolucionária se opuseram aos defensores do regime de monarquia e que resultou na tomada do poder pelo partido bolchevique com o apoio nos soviets em outubro de 1917. Os atores opostos neste sangrento conflito, que progrediu para uma guerra de cinco anos de duração, foram, por um lado, as forças armadas do governo soviético, estabelecido em Petrogrado (a denominação de São Petersburgo entre 1914 e 1924) e logo em seguida em Moscou, e, por outro, o movimento dos “brancos”, constituído pelas forças armadas e as camadas da população, fiéis seja à ideia da restauração de monarquia, seja aos slogans da democracia liberal, e espalhados por todo o território russo. Este conflito, que poderia ser fatal ao poder soviético, teve uma virada, a partir do fim da Primeira Guerra Mundial e da retirada das forças de ocupação das potências centrais – da Alemanha, da Áustria e da Turquia, por um lado, e por causa da retração de apoio da Entente aos exércitos do movimento “branco”, por outro, que levou ao fortalecimento do Estado soviético e a sua vitória na guerra civil.

Devido à rejeição generalizada do Tratado de Brest, que foi considerado uma “traição” dos interesses da Rússia e a causa da “derrota” do país na guerra, o patriotismo em termos da defesa do país contra invasores transformou-se em identidades patrióticas comunitárias diferenciadas, que começaram a se expressar na formação de movimentos de resistência local contra invasores tanto estrangeiros, como “vermelhos” e “brancos” e na expansão e na deflagração de insurreições contra os “ocupantes”.

Durante estes conflitos os movimentos populares de *partisans* ficaram profundamente divididos de face ao dilema da

defesa de sua pátria contra invasores estrangeiros ou do alinhamento com as identidades político-ideológicas no conflito civil. Além disso, a instabilidade criada pelas transformações revolucionárias desprende forças de caos e de violência nunca vista antes. Autores falam de “uma grande violência enraizada na cultura dos camponeses e exacerbada pelo três anos da guerra” (Primeira Guerra Mundial – inclusão nossa) (COURTOIS et al., p. 59), do “apagamento dos reflexos ético-jurídicos, que freiam homicídios e atentados à saúde e à inviolabilidade física”, em condições quando “o mandamento “não matarás” deixa de ser observado e reconhecido.” (СОРОКИН, p.133)

Os movimentos de guerrilha, no seu conjunto, ofereciam resistência às forças estrangeiras invasoras, mas, em separado, quer se aliavam às forças do poder soviético, quer apoiavam as forças do movimento “branco”, constituindo, em períodos diferentes, um front de batalha para os lados opostos na Guerra Civil, em função das preferências políticos-ideológicas e religiosas e das alterações na configuração de forças no conflito civil. As principais causas do surgimento dos movimentos de *partisans* e de insurreições na retaguarda das forças estrangeiras de intervenção e do movimento “branco” foram a ocupação e ações punitivas dos intervencionistas, impostas pelo regime “branco”, bem como a mobilização forçada para exércitos. O surgimento do movimento de guerrilha na retaguarda dos exércitos soviéticos deveu-se à sovietação forçada de algumas regiões do país, à política de confisco de provisões e de propriedades, pelas ações de inserção compulsória de destacamentos de *partisans* e de outros grupos de resistência no corpo dos exércitos regulares. (ОТЕЧЕСТВЕННАЯ, том 2-3, с. 210-211).

O alto comando militar da República Socialista Federativa Soviética da Rússia controlava a formação e a organização de grupos de resistência popular contra os “brancos” e os intervencionistas, tendo sido criado para este fim, em janeiro de 1918, um Estado-maior central de comando de *partisans*, que planejava ações de resistência popular, caso as forças alemãs passassem à ofensiva. (Ibidem)

As ações da organização do movimento de *partisans* pelo comando militar soviético aceleraram no front Norte da Rússia, envolvendo-o em ofensivas e defesas dos exércitos regulares em 1918-1919. Na Ucrânia, as forças bolcheviques formaram, começando em março de 1918, ou seja, já em revelia do Tratado de Brest, os destacamentos de *partisans* para a luta eventual contra ocupantes alemães na retaguarda das forças alemães. Em 1919 foi criado o Primeiro Exército Soviético do Sul na Transnístria, constituído por *partisans* e rebeldes e, em seguida, duas divisões de guerrilha nas cercanias de Kíev e Kharkov. Estes foram direcionados contra exércitos “brancos”. Os destacamentos do anarquista Makhnó integraram em fevereiro de 1919 o Segundo exército soviético, mas já em junho desertaram-se dele, passando para o lado dos “brancos” sob o comando do general Wrânguel. No Cáucaso do Norte, os órgãos do partido bolchevique criaram uma rede de grupos de *partisans*, que combatiam tanto os “brancos”, quando os cossacos, estes apoiadores do antigo regime. Na Sibéria, o movimento de guerrilha, liderado pelos bolcheviques, estabeleceu a “república” Stepno-Baidjeiskaia de *partisans*, em março de 1919, nas regiões de Kansk e de Krasnoiarsk, a qual ofereceu uma forte resistência às forças checoslovacas, italianas e “brancas” em 1919-1920. Mais uma “república” guerrilheira estabeleceu o poder soviético em Tassêievo

na *gubêrnia* de Ienissêi em 1919. Em dezembro de 1919 os socialistas revolucionários (SRs) da direita, junto com mencheviques, lideraram a insurreição de soldados e de trabalhadores em Irkutsk contra o governo “branco” de Koltchak. Os rebeldes organizaram um exército revolucionário popular, que unindo-se com destacamentos voluntários e os *partisans*, transformou-se no “Exército soviético da Sibéria Oriental”. Surgiu a “Comuna da mata de Altagatchan, na região ocidental do lago Baikal, que em março de 1919 foi reorganizada em um destacamento de *partisans*. No mês seguinte, todos os destacamentos de guerrilha foram unidos em três regimentos e constituíram o Front da Guerrilha do além do Baikal, de cerca de três mil homens, que junto, com o Grupo do Exército da Guerrilha da Sibéria Oriental, ocupou a cidade de Verkhneú-dinsk, derrotando um efetivo significativo de ocupantes japoneses e dos “cossacos” brancos, constituídos por buriates e de mongóis. Em janeiro de 1920 o movimento da guerrilha espalhou-se para todo o território do Extremo Oriente, atacando as forças ocupantes e os “brancos” na região do rio Amur, de Okhotsk, de Khabarovsk e de Vladivostoque. (ОТЕЧЕСТВЕННАЯ, том 2-3, с. 211-216)

Uma série de “repúblicas” autônomas surgiu no Cáucaso do Norte e do Sul. Nas terras ao Norte do Cáucaso, povoados pelos cossacos, foram estabelecidos territórios independentes – Don, Kuban, Têrek. Até a revogação do Tratado de Brest, eles estiveram sob a proteção da Alemanha, com base numa aliança, estabelecida pelo governo de Don, sob a direção do general Krasnov. Quando o exército vermelho entrou da região em janeiro de 1919 com o objetivo de avançar em direção às províncias do Cáucaso do Sul, foram deflagradas ações de terror contra cossacos, tidos pelos bolcheviques como inimigos potenciais,

por terem servido fielmente ao antigo regime czarista. A política de “raskazátchivanie”¹⁷ causou a passagem dos cossacos em massa para o lado do movimento dos “brancos” e a emigração dos cossacos com os exércitos “brancos” para o exílio no exterior no final da Guerra Civil. (ИСТОРИЯ РОССИИ XX ВЕК, p. 939-943)

Quando as forças “brancas” do general Deníkin retomaram a conta do Cáucaso no Norte na primavera de 1919, a parte ocidental dos povos do Norte do Cáucaso – adyguêios, circassianos, cabardas, e ossetios cristãos saíram em apoio ao movimento “branco” e pela “Rússia unida”. Pelo contrário, os povos do Daguestão, da Chechênia montanhosa e plana, da Inguchêtia manifestaram a hostilidade aos “brancos”, enquanto simpatizavam com os bolcheviques, mas desejavam principalmente a formação de uma união com a Turquia pela questão da mesma fé. (ИСТОРИЯ РОССИИ XX ВЕК, p. 858-859)

No Cáucaso do Sul, os Estados da Geórgia e do Azerbaijão, mais precisamente as suas elites dirigentes, estavam nutrindo sentimentos anti-russos e alimentavam uma atração – a Geórgia pela Alemanha e o Azerbaijão pela Turquia, enquanto a Armênia, pela razão de russofilia, foi objeto de pressão política dos ocupantes britânicos. Porém, outras peças menores do mosaico ciscaucasiano formaram minúsculas entidades protoestatais, defendendo-se do caos das guerras, mundial e civil, entre elas a região de Batum, a República do Cáucaso do Sul Ocidental (incluindo a região de Kars, distrito de Artvin da região de Batum, o *uezd* Akhalsikhski da *gubérnia* de Tiflis), a República de Araz (*uezd* de Nakhitchevan), a República de Andronik

(Zanguezur e Xuxá), a República de Lenkoran (*gubérnia* de Baku ao sul do rio Kura), zona “neutra” entra a Armênia e a Geórgia (*uezd* de Akhalkalak da *gubérnia* de Tiflis). (ИСТОРИЯ РОССИИ XX ВЕК, p. 859-851). Estas pequenas formações possuíam forças de autodefesa, protegendo-se contra invasões, perpetradas pelos agressores externos – alemães, turcos, “brancos”, bolcheviques, britânicos e contra invasores ciscaucasianos – georgianos, armênios e azeris, formando entre si e com atores externos coalizões e alianças provisórias.

Os movimentos de resistência camponeses formaram um front de insurreições no território controlado pelo poder soviético, movidos pela rejeição da doutrina ateísta dos bolcheviques e pela desapropriação das propriedades camponesas no período da política do “comunismo de guerra”. Na Sibéria, insurreições contra os “brancos” foram um fator que impedia significativamente ações armadas antibolcheviques do movimento “branco”.

Em fevereiro de 1920 na *gubérnia* de Ufá estourou uma “insurreição dos forçados”, que envolveu cerca de 400 mil pessoas. Ela começou na aldeia de Novaya Elani, quando o destacamento de aprovisionamento do exército vermelho trancou camponeses, com mulheres e crianças, num depósito frio, por estes se recusarem de entregar provisões. Os parentes e familiares atacaram os integrantes do destacamento com forçados, matando-os. (ИСТОРИЯ РОССИИ XX ВЕК, p. 859-851)

A insurreição camponesa na *gubérnia* de Tambov, que foi “preparada” pelas forças “brancas”, mediante a organização de dois exércitos de *partisans*, integrados

¹⁷ “Descossaquização”, a política do governo bolchevique de destruição da classe e de apagamento da identidade de cossacos, através das prisões, deporta-

ções, negação de costumes e rituais locais e execuções, desde 1919 até o fim da Guerra Civil. Porém, a política de repressões aos cossacos continuou desde então e adentrou na Grande Guerra Patriótica.

por camponeses, que resistiam ao confisco de alimentos pelos órgãos soviéticos, começou em agosto de 1919, afetando também a *gubérnia* de Voronezh, as duas com a população de cerca de 3,3 milhões de pessoas. Dois exércitos camponeses receberam o apoio da cavalaria dos cossacos, totalizando a força antibolchevique de umas 50 mil pessoas. Apoiados por socialistas-revolucionários (SRs), o movimento criou uma União do campesinato trabalhador, que transformou a insurreição em um movimento político. (ИСТОРИЯ РОССИИ XX ВЕК, p.929-930) Considerando a insurreição uma ameaça existencial ao insipiente Estado soviético, Lenin, em maio de 1921, nomeou Tukhatchevski para comandar a operação da supressão da revolta, formando uma força de mais de 100 mil homens, apoiados por blindados e aviões. Em 12 de junho o comandante da força até assinou a ordem, permitindo o uso de gases asfixiantes contra insurgentes e *partisans*, que nunca foi cumprida. (MARIE, p.230-242). A insurreição ficou esmagada, com custos humanos terríveis, os dirigentes desta, Antonov e Tokmakov, tendo sido mortos em combate.

No verão de 1920, quando o trânsito pela Transsiberiana, depois do recuo do movimento “branco”, ficou restabelecido, o governo bolchevique retomou o confisco de cereais e alimentos para os fins de abastecimento estatal. Isto provocou uma onda de insurreições camponesas na Sibéria. Os mesmos camponeses que antes disso se revoltavam contra os “brancos”, agora se sublevaram contra o governo soviético. Destacamentos de *partisans* que combatiam as forças do exército vermelho surgiram em Omsk, Barnaul, Krasnoiarsk, Tumen, Tobolsk, nas estepes do Altai. Na *gubérnia* de Semipalatinsk foram formados destacamentos de autodefesa, com a participação

de cossacos, que participaram da insurreição em julho de 1920, conhecido como “Sibírskoie belovódie”. Na *gubérnia* de Tomsk irromperam-se duas insurreições durante o verão de 1920 – “Kolyvanóvskoie” e “Lubkóvstchina”, as duas se identificando, ora com os soviets, ora com os “brancos”, migrando finalmente para o lado dos “brancos”. Na *gubérnia* do Ênissei, em setembro – outubro de 1920, foram deflagradas três revoltas, chamadas pelos nomes das aldeias – Zeledêiskoie, Serrêjskoie, Golópovskoie. Comandados pelos oficiais brancos, as insurreições se transformaram em movimentos dos *partisans* “brancos”. A revolta mais significativa foi a da Sibéria Ocidental em fevereiro de 1921, que se espalhou para sete *uezds* da *gubérnia* de Tiumen, para quatro de Omsk. Ela superou pela magnitude a insurreição de Tambov, mas não foi tão bem organizada e armada. Camponeses capturaram depósitos de cereais e instituições soviéticas, mataram 7500 comunistas e funcionários dos órgãos de confisco de alimentos. Os revoltados, contando 70 mil homens, cortaram o movimento na Transsiberiana, mas não conseguiram tomar nenhuma cidade importante. Esmagada a insurreição em abril do mesmo ano, as perdas do exército regular bolchevique totalizaram 2,5 mil mortos, sem contar os dos destacamentos especiais de combate à contrarrevolução. O número dos insurgentes mortos não tem registro, podendo ser calculado em dezenas de milhares. (ИСТОРИЯ РОССИИ XX ВЕК, p. 928-932)

O apogeu da resistência antibolchevique durante a Guerra Civil foi a rebelião de Kronstadt, na cidade-base naval de Petrogrado, em março de 1921, cuja análise não faz parte do objeto do artigo em questão.

A vitória soviética sobre o movi-

mento de guerrilha antibolchevique é comentada por um dos “carrascos” dos camponeses insurgidos em Tambov e dos operários e marinheiros revoltados de Kronstadt – Tukhatchevski, que sugere que o motivo principal da oposição do camponato ao regime soviético foi o temor da desapropriação de propriedade pelos bolcheviques:

“... o primeiro contato com os interesses e a política dos proprietários de terra reconduzia o camponato para o lado soviético. Assim, quando um perigo direto ameaçava a terra expropriada dos grandes proprietários, o camponato defendia o poder soviético, mesmo considerando a política de abastecimento pesada. Mas assim que a guerra acabava, que o camponato se sentia dono da terra da qual se apossara, ele se engajava em uma luta econômica e política contra o poder soviético, e, em alguns lugares, declarava-lhe até a guerra.” (Apud MARIE, p. 242)

O temor de ficar privado da terra, cuja propriedade foi proclamada pelo Decreto do Governo bolchevique aos camponeses, influenciava no sentimento de patriotismo, que na classe de camponeses se associava fortemente com a terra.

A divisão dos movimentos de resistência popular em “brancos”, “vermelhos”, “verdes”¹⁸, cossacos, “repúblicas” étnicas e outras formações de resistência significou a ausência da coesão em torno da ideia nacional, durante a Primeira Guerra Mundial e durante e depois da Revolução de 1917 na Rússia, mas provou a existência persistente

da ideia de patriotismo, rachado pelo conflito entre as populações do mesmo ex-império, divididas pelas doutrinas ideológicas e projetos políticos, classes e povos, etnias e comunidades, grupos linguísticos e religiosos. Os atos do terror “vermelho” e “branco”, o primeiro muito mais generalizado do que o segundo (Cf. КРАСНЫЙ ТЕРРОР), incendiaram ainda mais os ânimos dos grupos de resistência, que tomaram partido nas lutas em função da violência, das atrocidades cometidas pelas forças opostas no combate civil, dos anseios da sobrevivência no conflito civil.

A guerrilha popular durante a Grande Guerra Patriótica

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) é o nome do segundo conflito mundial do século XX na historiografia sobre guerras. A Grande Guerra Patriótica (1941-1945) é a denominação na historiografia soviética e russa desta guerra, que começou com a invasão dos exércitos da Alemanha e dos seus aliados na União Soviética e terminou com a vitória sobre o nazismo e fascismo em 1945 em Berlim.

Em 22 de junho de 1941 a Alemanha invadiu a União Soviética no gigantesco front entre o mar Báltico e o Mar Negro. As forças armadas soviéticas sofreram a derrota que não teve precedentes na história mundial. Seus exércitos, divisões, todas as unidades ao longo da fronteira ocidental ainda estavam se desdobrando, muitas delas sendo incompletas. Milhares de aviões concentrados nos aeródromos avançados

¹⁸ A denominação, referente aos grupos de desertores e de refratários ao serviço militar, chegando a totalizar centenas de milhares de pessoas, que se escondiam desde 1918 nas matas do Sul da Rússia, do Cáucaso do Norte, da Ucrânia. Juntavam-se a eles habitantes locais, inconformados com o terror e com a

violência, desencadeados durante a Guerra, que pregando as ideias de anarquismo, cometiam atos de bandidagem, pilhagem, exercendo poder em escala local. (ОТЕЧЕСТВЕННАЯ, книга 2, том 2-3, p. 216-217).

foram destruídos pelas forças aéreas alemãs nos primeiros bombardeios aéreos, milhares de tanques foram inutilizados ou capturados, milhões de soldados e oficiais foram feitos prisioneiros nas primeiras semanas e meses de combates. Já no quarto dia da guerra, o comando soviético viu que o exército recuava em todos os fronts sofrendo grandes baixas. Uma semana depois da invasão a capital bielorusa Minsk caiu nas mãos do inimigo, quase sem resistência. Em 3 de julho de 1941 foi oficialmente reconhecida a conquista alemã da Lituânia, da Letônia e de grandes partes da Ucrânia e da Estônia. Segundo as estatísticas, as perdas dos efetivos militares totalizaram cerca de 650 mil em junho-julho, 700 mil em agosto, 500 mil em setembro. Durante somente o ano de 1941, a União Soviética perdeu 4,5 milhões de soldados e oficiais, mortos, feridos e em grande parte prisioneiros, ou seja, 1/3 do total das perdas militares durante toda a guerra.

A guerrilha durante a Grande Guerra Patriótica foi a reação da sociedade russa e soviética à invasão dos conquistadores estrangeiros, assim como na Guerra de 1812, mas de forma muito mais maciça e de face ao inimigo muito mais forte, mais bem armado e mais truculento. Como se afirma num estudo da história militar da Rússia,

Objetivos libertadores e justos da Grande Guerra Patriótica, determinaram o caráter popular da luta em defesa da liberdade e da independência da Pátria. Uma relevante parte integrante da guerra contra invasores alemães foi a luta do povo soviético nos territórios ocupados. A forma mais eficiente desta luta, o meio mais

impactante a fim de atingir a retaguarda do exército invasor foi o movimento de guerrilha de massas" (ОТЕЧЕСТВЕННАЯ, КНИГА 2, ТОМ 2-3, p. 419, tradução livre do russo)

Aproximadamente, a partir de julho-agosto de 1941, em diferentes localidades da retaguarda alemã, no território soviético ocupado, começaram a se formar destacamentos de *partisans*. Seus núcleos de comando foram constituídos, tanto por militares do Exército Vermelho, que ficaram cercados pelas forças alemãs, quanto por funcionários locais do partido e do Estado, assim como por grupos de extermínio, preparados pelo NKVD¹⁹ (КОРОВИИ, p.158-161). Neste período ainda não existia nenhum centro de comando central e muitos grupos armados iam migrando através do território ocupado, em direção ao front, que se deslocava inexoravelmente para o Leste, tentando atravessá-lo para se juntar ao Exército Vermelho. Somente pelo fim do ano de 1941, os destacamentos espontâneos de *partisans* começaram a ser complementados por grupos armados, especialmente preparados para exercer atividades de guerrilha. Escrevem Mikhail Gueller e Aleksandr Nekritch,

Diz a lenda que os destacamentos dos *partisans* desde o início agiam sob a direção do Comitê Central do VKP(b)²⁰, das organizações republicanas e locais clandestinas do partido. Mas isto não corresponde à verdade. A guerra dos *partisans* foi espontânea, reagia às repressões e à brutalidade dos ocupantes. Somente depois dos primeiros contragolpes do Exército Vermelho e da estabilização da situação, os grupos separados dos *partisans* se uniram em destacamentos, e estes, por sua vez, em grandes

¹⁹ NKVD - Comissariado do Povo para a Segurança Interna (1934-1946), órgão repressivo do regime de Stalin.

²⁰ VKP(b) - Partido Comunista de toda a União Soviética (bolchevique), denominação do partido comunista nos anos 1930-1940.

unidades. Nos estados-maiores do Exército foram criados departamentos especiais para a comunicação e para o comando dos destacamentos dos *partisans*. Foi instalado o Estado-maior central do movimento dos *partisans* em Moscou. (ГЕЛЛЕР et al., p. 116, tradução livre do russo)

No fim do ano de 1941, mais de dois mil destacamentos dos *partisans*, contando umas 90 mil pessoas, agiam no território ocupado. Em 1943, o número dos combatentes chegou a 120 mil, e no início de 1944, a 250 mil. Durante todo o período da guerra, o total de cerca de 1,1 milhões de *partisans*, compondo 6200 formações, combatiam na guerrilha contra os ocupantes. O comando alemão via-se obrigado de desviar até 10% do exército do front germano-soviético para a luta contra os *partisans*. Em 1943 ações anti-guerrilha envolveram em combates 25 divisões das tropas regulares alemães, sem contar forças auxiliares, formações especiais do combate à guerrilha e destacamentos policiais.

A guerrilha tão ampla e poderosa podia existir e agir somente mercê do apoio que recebia da população local, contando com o patriotismo reemergente. Os *partisans* obstruíam o funcionamento da retaguarda, destruíam comunicações, explodiam objetos militares e estados-maiores, descarrilavam trens de carga, de passageiros e de armamentos, assassinavam oficiais, funcionários de ocupação de altos patentes, policiais a serviço dos alemães. (ЗОЛОТУХИН et al., p. 126).

Os destacamentos de *partisans* formaram-se na Bielo-Rússia, na Ucrânia, nas regiões de Leningrado e Novgorod, na península da Crimeia. Pelo fim do ano de 1942, os destacamentos de *partisans* já estavam ligados com as organizações clandestinas de resistências nas cidades. Na região

de Briansk, da Federação Russa, os *partisans* controlavam territórios extensos na retaguarda alemã. No verão de 1942 foi estabelecida, sob o comando de Aleksandr Saburov e de Alexei Fiódorov, a República dos *Partisans* de Briansk, na área de 14 mil quilômetros quadrados, com o número dos combatentes chegando a cerca de 60 mil pessoas. O movimento da guerrilha combatia contra os alemães nas regiões de Belgorod, Oriól, Kursk, Pskov, Smolensk. Segundo Geller,

praticamente cada família no território ocupado teve ligação com o Exército Vermelho, em cujas fileiras estavam seus filhos, pais, irmãos. O sentimento de patriotismo, de terra, de pertencimento à causa comum, perdido ou abalado, ressurgiu sob o impacto da barbaridade dos ocupantes estrangeiros e criou o terreno para a resistência ao inimigo – ativa ou passiva. Alemães deportaram para trabalhos forçados em empresas e no campo 4, 258 milhões dos cidadãos soviéticos. (ГЕЛЛЕР et al., p. 112, tradução livre do russo)

O comando militar soviético atribuía à Bielo-Rússia uma importância especial na guerrilha. A razão principal para esta atenção foi a localização da república na direção estratégica a Moscou, configurando a direção central da ofensiva alemã pelo plano Barbarossa. Ela foi coberta pelas densas florestas e pelos intransitáveis pântanos, formando acidentes geográficos que beneficiavam a guerrilha. De agosto a dezembro de 1941 o número de destacamentos de *partisans* na Bielo-Rússia cresceu até 437, reunindo cerca de 7200 combatentes. Com o avanço do front alemão em direção a Moscou, os *partisans* foram privados de qualquer forma de apoio, inclusive em remédios e armamentos. O movimento de guerrilha na Bielo-Rússia crescia reagindo

às repressões dos invasores e dos colaboracionistas, que instigavam um ódio cada vez maior na população. O que indignou e aterrorizou a população foi o início do extermínio geral dos judeus e, a seguir, as repressões contra *partisans* bielo-russos, prendendo-os e executando-os, matando uma em cada dez pessoas, queimando em represália aldeias com habitantes vivos. Em meados de 1942, o número dos *partisans* na Bielo-Rússia, constituídos pelos habitantes locais, já chegou a 100 mil combatentes.

A Ucrânia e a Bielo-Rússia sofreram mais do que outras repúblicas soviéticas durante a invasão alemã. Foi esta a razão pela qual elas foram admitidas nas Nações Unidas em 1945 com o *status* de Estados. As consequências da ocupação prolongada, de 1941 a 1944, foram devastadoras para a população. A Bielo-Rússia perdeu um em cada quatro habitantes durante a guerra. O regime nazista incentivava sentimentos anti-soviéticos dentre os ucranianos, tártaros da Crimeia, alemães do Volga, povos caucasianos e outras etnias, explorando as perseguições estalinistas do período da coletivização forçada e as deportações das populações. Porém, as ações punitivas das brigadas SS no território ocupado pela Alemanha, o holocausto judaico, as deportações forçadas da mão-de-obra dos territórios ocupados para a Polônia e a Alemanha, apenas reforçavam a resistência e a disseminação da guerrilha no território ocupado. No entanto, na Ucrânia formaram-se, com a ajuda e a convivência dos ocupantes, grupos nacionalistas armados, como o OUN (Organização Nacionalista Ucraniana), UPA (Exército Ucraniano de

Insurreição), que colaboraram com nazistas, combatiam contra *partisans* e cometiam massacres em massa de judeus e de poloneses. (POLAND, 2016). Contudo, as ações da guerrilha popular desmoralizaram este movimento nacionalista, simpatizante e colaboracionista com a Alemanha, que continuou ainda depois da Guerra.

A Igreja Ortodoxa Russa, mesmo que perseguida pelas autoridades do Estado comunista desde 1917, adotou, de face à guerra, uma postura de resistência ao inimigo invasor e de apoio ao governo, apelando aos sentimentos patrióticos dos fiéis. (LUPAN, p. 54-55). Atendendo ao chamado do mitropolita Serguiy, a Igreja arrecadou oito milhões de rublos, através das doações, para a fabricação de uma coluna de 20 tanques, denominada em homenagem a glorioso Dmitriy Donskoi²¹. Contribuindo para a luta contra os alemães, muitos padres do Patriarcado de Moscou, que se encontravam em territórios soviéticos, ocupados pelos exércitos nazistas e de seus aliados, davam apoio a civis, prisioneiros e *partisans*. Alguns deles foram executados pelos alemães e pelos colaboracionistas, em retaliação pelas suas atividades patrióticas. (RUSSIAN ORTHODOX CHURCH, pp. 56-57)

Uma das formações mais móveis e combativos dos *partisans* na parte europeia ocupada foi a brigada de Sumy, sob a liderança de Sidor Kovpak (1887-1967)²², mais tarde transformada em Primeira Divisão Ucraniana dos *Partisans*, a maior força dos *partisans* no território ocupado pelos invasores durante a guerra, operando na Bielo-

²¹ Dmitriy Donskoi (1350-1389), duque de Moscou, derrotou tártaros-mongóis na batalha de Kulikovo em 1380, considerada um marco na história da libertação da Rússia do jugo tártaro-mongol.

²² Sidor Kovpak (1887-1967), *partisan* lendário, ucraniano, combatente no exército russo na Primeira

Guerra Mundial, depois no Exército Vermelho na Guerra Civil Russa. Na Grande Guerra Patriótica combatia desde setembro de 1941. Um dos principais organizadores do movimento dos *partisans* na Ucrânia, Bielo-Rússia. Condecorado duas vezes com a ordem de Herói da União Soviética.

Rússia, Ucrânia, parte ocupada da Federação Russa e Polônia, ou seja, na retaguarda alemã. A divisão absorveu os destacamentos de Semión Rudnev²³ e Aleksandr Sabúrov²⁴. Ligada com a "terra grande"²⁵ por meio do regimento da aviação militar de longa distância, sob o comando da coronel-aviadora Valentina Grizodúbova²⁶, a Primeira Divisão dos *Partisans* foi armada com a artilharia ligeira, automóveis, motocicletas, lançadores de minas e de granadas, metralhadoras de grosso calibre. Suas incursões nos territórios ocupados metiam pânico nas forças de ocupação e de polícia. Sobre duas delas, baseadas em documentos de arquivo bastante raros, em posse do autor, caberia discorrer neste artigo.

Incursões (*reides*), diferentemente das ações combativas estacionárias locais dos *partisans*, não têm sido estudadas profunda e exaustivamente na literatura especial sobre guerras. Como escreve Piotr Verchígora²⁷ num dos primeiros trabalhos de pesquisa e de memória do movimento de *partisans*, "Historiadores, em geral, e historiadores militares, em particular, esquivam-se de ou quase não tocam nesta questão metodologicamente relevante e interessante do ponto de vista cognitivo". (БЕРШИГОРА, p. 104). Nas décadas posteriores à dos anos 60 apareceram múltiplos trabalhos, dedicados à guerrilha soviética: as de Panteleimon Ponomarenko,

a enciclopédia da Grande Guerra Patriótica em 12 volumes, e as, inclusive, de autores estrangeiros, como Michael Florinsky, Walter Laqueur. Porém, incursões merecem um foco a parte. Uma incursão dos *partisans* durante a Grande Guerra Patriótica no território da União Soviética, ocupado pelos exércitos alemães e dos aliados da Alemanha, significava uma marcha militar prolongada de milhares de *partisans*, organizados em um exército de guerrilha, através do território da retaguarda dos ocupantes, acompanhada com ações de combate, de destruição de objetos materiais, de aprisionamento de tropas e de captura de armamentos do inimigo, com o retorno ao local de baseamento.

Na sua coletânea, publicada pelo Arquivo Histórico da URSS em 1961, Piotr Verchígora enumera as principais incursões dos diferentes movimentos dos *partisans* durante as três fases da guerra de guerrilha: a) nove incursões durante o primeiro período (de dezembro de 1941 a setembro de 1943), b) 17 durante o segundo período (de outubro de 1942 a dezembro de 1943); c) 13 no terceiro período da guerra (de janeiro de 1944 até o início de 1945), descrevendo o panorama geral da guerrilha contra ocupantes. As incursões introduziam uma nova estratégia da guerrilha, uma arte de guerra popular, indo além da

²³ Semión Rúdnev (1899-1943), um dos dirigentes da guerrilha na Ucrânia e na Bielo-Rússia, general-major, participante do golpe bolchevique em São Petersburgo (1917) e da Guerra Civil Russa no Exército Vermelho. Vítima de repressões de 1937 a 1939, reabilitado em 1940. Morto em combate contra as forças alemãs. Condecorado com a ordem de Herói da União Soviética (*post mortem*) pela organização da guerrilha contra os alemães.

²⁴ Aleksandr Sabúrov (1908-1974), um dos organizadores da guerrilha na Grande Guerra Patriótica na Rússia e na Ucrânia, general-major. Comandante de uma grande unidade de *partisans* nas regiões de Oriól e Sumy, condecorado com a ordem de Herói da União Soviética.

²⁵ "Terra grande" é a denominação do território soviético, livre da ocupação alemã, durante a Guerra.

²⁶ Valentina Grizodúbova (1909-1993), aviadora militar russa, estabeleceu records de voos a distâncias longas, combatente da Grande Guerra Patriótica, primeira mulher que recebeu a ordem de Herói da União Soviética durante a Guerra.

²⁷ Piotr Verchígora (1905-1963), cineasta, escritor e estudioso, um dos mais carismáticos líderes do movimento dos *partisans* na Grande Guerra Patriótica, que contribuiu para a divulgação da memória do movimento depois da Guerra. Autor do famoso romance sobre os *partisans* "Homens com a consciência limpa" (1951).

parte da União Soviética ocupada até Hungria, Romênia, Eslováquia, Polônia. (БЕРШИГОРА, pp. 104-107)

A incursão aos Montes Cárpatos, de cem dias e de dois mil quilômetros de percurso, partiu do Poliêssie²⁸ bielo-russo-ucraniano em 12 de junho, chegou até a fronteira com a Hungria e terminou em 21 de outubro de 1943. 1517 combatentes, com 7 peças de artilharia ligeira, 52 lançadores de minas, 200 metralhadoras, 470 armas automáticas, 32 fuzis antitanque, 7 rádios, 680 cavalos, 310 carroças, algumas munidas de metralhadoras, saíram em direção às montanhas dos Cárpatos. Em 19 de julho a divisão alcançou dois campos produtivos de petróleo nos Cárpatos, onde fez explodir 48 torres de produção, três unidades de refinação, 13 reservatórios de estoques de petróleo e um oleoduto, que fornecia o petróleo para a Alemanha, assim causando um dano substancial à logística energética e técnico-material do *Wermacht* e da própria Alemanha. Cercados, em seguida, por uma divisão especial de caçadores de montanhas do SS, os *partisans* conseguiram, a muito custo, romper o cerco, após ter sofrido grandes perdas. Foram mortos 228 combatentes, 200 desaparecidos e mais de 150 feridos. Entre os mortos houve o comissário da divisão Semión Rudnev, o filho dele, os comandantes das companhias Karpenko e Gorlanov, o cineasta Vakar, a reconhecida Ánia Bondarchuk, que, ferida nas pernas, explodiu uma granada, matando a si própria e a uns soldados alemães que se aproximaram de perto (БРАЇКО). O fato que parece extraordinário, mas foi comum entre os combatentes soviético. O comissário Semión Rudnev havia sido vítima de repressões stalinistas, foi preso e condenado aos trabalhos forçados em campos para prisioneiros políticos em 1937-1938.

Ele foi liberado em 1939 e encontrou a guerra na Ucrânia. Mesmo durante a guerrilha, ele estava sob a constante suspeita de ser o “inimigo do povo”.

Em maio-julho de 1944 a Divisão dos *Partisans* de Kovpak realizou a incursão sobre o rio Niêman, cuja marcha se alongou a 1100 quilômetros. O golpe principal da incursão foi desferido contra alvos de importância estratégica do adversário, localizadas nas regiões de Pinsk, Baranovichi, Grodno, Bialostok, Brest-Litovsk na Beilo-Rússia e na região de Volyn na Ucrânia. Durante a incursão a Divisão atravessou os rios de Niêman (5 vezes), Bereziná (aquela mesma Bereziná, onde o exército de Napoleão recebeu um golpe de misericórdia havia 132 anos), Stchara, Svislotch, o canal entre o Dnieper e o Bug, Túria e outros menores. Os *partisans* engajaram-se em 90 combates, tocaias e outros confrontos militares, dos quais os mais significativos foram os na autoestrada Moscou - Varsóvia (em Siniávka) e na autoestrada Minsk - Baranovichi (em Volno), mais o combate de duração de dois dias perto de Turets, bem como os pela praça de armas no rio Stchara, pela localidade de Mosty e o contra o avanço de tanques alemães, perto de Grogorovtsy. Foram temporariamente reconquistadas pelos *partisans* as localidades de Snuv, Turets, Kamenka, Mosty. Foram aniquilados e/ou postos fora de combate 2360 soldados e oficiais do adversário, presos 271 soldados, destruídos 27 tanques, 7 carros de combate, 74 veículos de transporte. Canhões alemães foram capturados nas próprias disposições. Um grande valor para a inteligência militar foi apresentado pelos documentos adquiridos durante esta incursão: carteiras de soldados, documentos das forças armadas, pertences e documentos pessoais de oficiais,

²⁸ Palavra autóctone que denomina a região florestal pantanosa na Bielo-Rússia e na Ucrânia.

particularmente, os do tenente-general de artilharia Weitling. Entre os troféus dos *partisans* foram canhões, tanques, motocicletas, automóveis, metralhadoras e pequenas armas de fogo. (БЕРШИИГОРА, p. 117)

Centenas dos combatentes de Kovpak foram condecorados por ordens e medalhas e mais de dez pessoas receberam a condecoração máxima - Herói da União Soviética, inclusive o próprio Kovpak. Havia na Divisão combatentes de 32 nacionalidades e etnias da União Soviética. Confirmando o caráter internacionalista da Divisão dos *Partisans*, segue a descrição do pertencimento nacional de alguns. O Comandante e o Vice-Comandante da Divisão, Kovpak e Verchígora, foram ucranianos, o chefe do estado-maior foi bielo-russo Voitsekhovich, o comandante do primeiro regimento foi georgiano Bakradze, o chefe do estado-maior do regimento foi russo Berejnoi, o comissário de um dos batalhões foi húngaro Josef Teut, o comandante da companhia de reconhecimento foi alemão antifascista Robert Klein, um dos reconhecedores foi francês Jean-Pierre de Charron, o médico foi checo Bernard Zimma, o tradutor foi austríaco Walter Braun, o comandante da companhia de comunicação foi italiano Giovanni di Pietro.

Como resultado de incursões duradouras sobre regiões e repúblicas diferentes, a composição nacional da Divisão foi muito diversificada. A proporção dos russos, ucranianos e bielo-russos foi aproximadamente igual. Além deles houve na Divisão georgianos, armênios, poloneses, uzbeques, judeus, húngaros, alemães,

italianos, romenos e representantes de outras nacionalidades (БЕРШИИГОРА, p. 107, tradução livre do russo)

Na Divisão houve judeus que escaparam ao Holocausto e que foram abrigados pelos *partisans*. Muitos deles foram armados e combateram contra alemães. (KIMELBLAT, 2007). As estatísticas e os depoimentos sobre o movimento dos *partisans*, no território ocupado durante a guerra, comprovam que o espírito de Pátria foi acalentado por todas as etnias e nacionalidades que constituíam a Rússia e a União Soviética, além das contribuições para este patriotismo dos povos que sofreram dos horrores da Segunda Guerra Mundial, desencadeada pela Alemanha nazista. Afirma Popov, "Uma grande lição para o futuro: foi exatamente o patriotismo russo que, ao visar à resguarda dos valores de toda a humanidade, se tornou o fator mais poderoso da união dos povos do nosso país". (ПОПОВ, p. 137, tradução livre do russo).

O patriotismo russo, como o movimento de resistência à invasão e à ocupação, revelou a sua natureza unificadora de várias expressões nacionais e étnicas, reunindo dezenas de nacionalidades da União Soviética, que sentiam a ameaça existencial a sua nacionalidade ou sua etnia, nos movimentos da guerrilha e de resistência. O sentimento da Pátria foi revigorado por causa do jubilo, ligado à libertação do país de uma escravização nazista, que poderia significar o extermínio ou a subjugação dos *untermenschen*²⁹, ou seja, de povos considerados inferiores à "raça ariana", como judeus, povos eslavos, incluindo russos,

²⁹ Termo, significando a superioridade racial com relação aos sub-humanos, introduzido pela ideologia de nazismo, em oposição ao conceito

de Friedrich Nietzsche de *Übermenschen*, ou superhomens.

bielo-russos, ucranianos, poloneses, sérvios, bem como ciganos, homossexuais, seguidores de Jeová e muitos outros, sobre os quais a máquina exterminadora nazista, alimentada pela doutrina da superioridade racial, estendeu ou podia estender sua sombra escravizadora e mortífera.

Conclusão

Nikolai Berdiáev, um grande filósofo russo, criticando a tese da "derrota da Rússia na guerra imperialista", que foi brandida pelo partido bolchevique, escreveu em 1917: "... neste minuto assustador e trágico da história russa, o que pode salvar a Rússia é apenas um entusiasmo patriótico, apenas um esforço excepcional do espírito nacional" (БЕРДЯЕВ, p. 154). Ele continua:

Os que valorizam a saúde espiritual do povo, têm que reconhecer que no patriotismo há algo mais primário e mais relacionado com as bases espirituais da vida do que na política. E os motivos políticos, naturalmente, devem ser subordinados aos motivos patrióticos. Os que lutam pela Pátria, não lutam pelos seus interesses ou pelos interesses dos outros, mas pelo valor, que está acima de qualquer bem-estar humano. (БЕРДЯЕВ, p. 156, tradução livre do russo).

O desprezo pelo interesse maior da sobrevivência do povo e o desfalque do sentimento patriótico popular, corolário de

projetos políticos irreconciliáveis, resultaram numa guerra civil fratricida na Rússia entre 1917 e 1922, em que os russos cruzaram armas com os russos. O conflito civil resultou em perdas humanas milionárias tanto nos combates, quanto por causa da fome, das doenças e do terror, estabelecido pelos adversários dentro do mesmo povo, vitimando umas treze milhões de pessoas, a imprecisão estatística sendo explicada pelo método de cálculo geral empregado para este período de caos.

As lições históricas do patriotismo foram lembradas na União Soviética na época da Grande Guerra Patriótica, quando a sobrevivência do Estado soviético foi posta em perigo pelo projeto da dominação mundial hitlerista. É inegável que as considerações da contribuição do patriotismo do povo, primeiro, mitigaram e, posteriormente, diminuíram a intensidade de repressões políticas, impostas pelo governo de Stalin durante e depois da Guerra, tanto mercê do reconhecimento pelo regime do heroísmo do povo, quanto pelo medo de que este povo, saindo do inferno do conflito nunca visto na história do país e do mundo, poderia se revoltar contra o regime opressivo. Do mesmo modo, o "degelo" de Kruschchev teve entre as suas motivações o reconhecimento da glória dos defensores da Pátria e a valorização de sua contribuição decisiva para a salvação da Pátria.

O patriotismo prevaleceu ao ódio ao regime, seja na invasão napoleônica, seja entre 1941 e 1945, sempre quando o Estado enfrentava uma ameaça existencial. Este afeto ao patriotismo, independentemente do regime que governava no país, é explicado pelo enraizamento da cultura tradicional de liberdade e de independência, acalentada e temperada durante séculos de resistência às invasões estrangeiras à Rússia.

Depois do fim do regime comunista na Rússia aconteceu um retorno da sociedade aos valores tradicionais russos e ortodoxos, entre os quais o sentimento de patriotismo. O patriotismo voltou a ser um dos mais queridos e mais venerados sentimentos populares, ligado ao amor e à defesa da Pátria e à aversão a guerras de conquista. Ele comprometeu e gradativamente tirou da escala dos valores da sociedade o princípio ideológico cosmopolita de internacionalismo socialista, com que foram justificadas pelos líderes do bloco soviético as invasões soviéticas da Hungria (1956), da Checoslováquia (1968) e do Afeganistão (1979).

Uma prova do resgate destes valores tradicionais da sociedade russa é a comemoração do Dia da Vitória, em 09 de maio³⁰, que se transformou na maior celebração patriótica popular da Rússia de hoje, relegando para o segundo plano todas as outras no país. Proclamada pelo governo como uma data de celebração nacional somente em 1968, o Dia da Vitória vinha ganhando cada vez mais popularidade. Ele reunia os sentimentos que são típicos de um Dia dos Finados, porque as perdas humanas, de mais de 26 milhões de habitantes da União Soviética durante a guerra contra o nazismo alemão, o fascismo italiano e o militarismo japonês, marcaram a memória não somente da geração da Guerra, mas das gerações posteriores à Guerra.

Além disso, a Vitória significou uma coesão dos patriotismos de todas as nacionalidades da União Soviética, estado multiétnico, cujos povos e sociedades de-

ram uma contribuição sem igual para a derrota dos invasores nazistas. Obscurecido pelas repressões stalinistas contra tártaros da Crimeia, chechenos, alemães do Volga e outras etnias que foram perseguidos e deportados em massa durante o stalinismo, dos locais historicamente povoados para o Cazaquistão e à Sibéria, ainda no final da Guerra, o orgulho da Vitória e da contribuição destes povos para a Vitória, foi resgatado pelas reabilitações políticas que começaram ainda na época do "degelo" de Krushev e continuaram até os governos da nova Rússia de hoje.

Um fato sem precedentes na glorificação da memória da Grande Guerra Patriótica na Rússia aconteceu no dia 09 de maio de 2015, durante a celebração popular dos 70 anos da Vitória em Moscou e nas maiores cidades da Rússia. Dezenas de milhares de manifestantes saíram às principais ruas destas cidades levando retratos fotográficos ampliados dos seus familiares que tombaram na Grande Guerra Patriótica. Esta ação, que reuniu cerca de um milhão de pessoas, entrou na memória popular como o desfile do "Regimento Imortal".

Dentro da lógica da desideologização pós-soviética, a Rússia pós-socialista embarcou na reconstrução da identidade nacional, baseada em precedentes históricos relevantes, resgatando a memória deste passado patriótico, interrompida pela experiência negadora comunista. Num ato de afastamento da ideologia cosmopolita e do retorno às tradições culturais de patriotismo, foi proclamado o Dia da Unidade Popular, referente à superação da Smuta, que começou

³⁰ O Dia da Vitória sobre o nazifascismo na Segunda Guerra Mundial é festejado na Rússia em 09 de maio, por motivo de a ata de rendição incondicional das forças alemãs ter sido assinada

às 22:43 h. do tempo central europeu do dia 08 de maio de 1945 e às 00:43 h. do tempo de Moscou do dia 09 de maio de 1945.

a ser celebrado, ainda há poucos anos, no dia 04 de novembro, substituindo na Rússia pós-comunista o feriado da revolução bolchevique de 1917. Foi atribuída uma relevância especial a este acontecimento histórico, que enfatizou a vitória do patriotismo popular, que salvou o Estado de Moscou da anexação polonesa.

A citação do humanista russo Dmitry Likhatchiév³¹ resume, de maneira concisa e expressiva, a natureza de patriotismo: "Contudo, o patriotismo não deve ser confundido com o nacionalismo. O patriotismo é o amor ao seu povo. O nacionalismo é o desprezo, o desrespeito, o ódio aos outros povos ... um é incompatível com o outro." (ЛИХАЧЁВ, tradução livre do russo).

Bibliografia³²

CHURCH, Jeffrey. Review of the book of Lydia L. Moland, Hegel on Political Identity: Patriotism, Nationality, Cosmopolitanism, Northwestern University Press, 2011. Disponível em: <http://ndpr.nd.edu/news/25626-HEGEL-on-political-identity-patriotism-nationality-cosmopolitanism/> Acesso em 03 de dezembro de 2018

CLAUSEWITZ, Carl von. Da Guerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003

CORÇÃO, Gustavo. Patriotismo e Nacionalismo. Rio de Janeiro: Editora Nacional de Direito Ltda., 1957

DOCUMENT: le discours d'Emmanuel Macron à l'Arc de Triomphe. Le Monde, 11

³¹ Dmitry Likhatchiov (1906-1999), destacado filólogo, historiador e culturólogo russo. Membro efetivo da Academia de Ciências da Rússia

de novembro de 2018. Disponível em : https://www.lemonde.fr/centenaire-14-18/article/2018/11/11/document-le-discours-d-emmanuel-macron_5382063_3448834.html Acesso em 03 de janeiro de 2019

EUCLIDES DA CUNHA. Os Sertões. Campanha de Canudos. Brasília: Editora UnB, 1963

KIMELBLAT, Izak. Guerrilheiros Judeus na Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: edição própria de Izak Kimelblat, 2007

LUPAN, Victor. The Russian Orthodox Church in the Defence of the Fatherland. *Russian Mind /La Pensée Russe/Russkaia Mysl*. Special Issue, May 2015

COURTOIS, Stéphane *et al.* Le livre noire do communisme. Paris: Robert Laffont, 1997

MARIE, Jean-Jacques. História da Guerra Civil Russa, 1917-1922. São Paulo: Contexto, 2017

MORGENTHAU, Hans J. A política entre as nações. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Editora UnD, 2003

POLAND votes that WWII massacre by Ukraine was 'genocide'. EurActiv Daily. 22.jul.2016. Disponível em: <https://www.euractiv.com/section/europe-s-east/news/poland-votes-that-wwii-massacre-by-ukraine-was-genocide/> Acesso em 30 de novembro de 2018

RENOUVIN, Pierre, DUROSELLE, Jean-

e Presidente da Fundação da Cultura da Rússia (1986-1993)

³² Utilizado o arquivo pessoal do autor (documentos, cartas, fotografias).

Baptiste. Introdução à História das Relações Internacionais. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Rousseau e Relações Internacionais. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003

(The) RUSSIAN ORTHODOX CHURCH during World War II. The Russian Orthodox Church in the Defence of the Fatherland. *Russian Mind /La Pensée Russe/Russkaia Mysl*. Special Issue, May 2015, pp. 56-57.

БЕРДЯЕВ, Николай. Духовные основы русской революции. In: БЕРДЯЕВ, Н. Собрание сочинений, т. 4. Париж: Имка-Пресс, 1990

БРАЙКО, П. В августе 43-го. Как погиб комиссар Руднев. Правда, 13 августа 1990 г.

ВЕРЕЩАГИН, Василий. 1812. Наполеон в России. Москва: Эксмо: Алгоритм, 2011

ВЕРШИГОРА, П.П. Неманский рейд партизанской дивизии им. С.А. Ковпака (1944). Академия наук СССР. Исторический архив, № 3, 1961 г.

ГЕГЕЛЬ, Г.В.Ф. Лекции по философской истории. Санкт-Петербург: Наука, 1993, 2000 (Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte). Disponível em: <http://filosof.historic.ru/books/item/f00/s00/z0000388/st002.shtml> Acessado em 15 de dezembro de 2018

ГЕЛЛЕР, М., НЕКРИЧ, А. История России: 1917-1995. Утопия у власти. Том 2. Frankfurt/Main: Overseas Publications Interchange Ltd., 1982 Disponível em : https://vtoraya-literatura.com/pdf/geller_nekrich_utopiya_u_vlasti_tom2_1982

[ocr.pdf](#) Acessado em 15 de novembro de 2018.

ЗОЛОТУХИН, Алексей и др. Военное руководство партизанским движением в тылу германских войск на территории областей центрального чернозёма. *Военно-исторический журнал*, № 2 (98), 2008

ИСТОРИЯ РОССИИ XX ВЕК. Как Россия шла к XX веку. От начала царствования Николая II до конца гражданской войны (1918-1922). Том I. Москва: Издательство «Э», 2017

КЛЮЧЕВСКИЙ, Василий Осипович. Курс русской истории. Санкт-Петербург, 1904. Disponível em: <http://www.gumer.info/bibliotek/Buks/History/Kluhevsk/Index.php> Acesso em 31 de outubro de 2018.

КОМАРОВ В., САВЧЕНКО, В. Возможно, это моё последнее слово. Правда, 12 июня 1989 г.

КОРОВИН, Владимир. Подбор и подготовка кадров для партизанской борьбы в центрально-чернозёмном районе РСФСР (1941-1943). *Военно-исторический журнал*, № 5 (101), 2008

КРАСНЫЙ ТЕРРОР в годы гражданской войны, по материалам Особой следственной комиссии по расследованию злодеяний большевиков. Ред.-сост. Ю.Г. Фельштинский. London: Overseas Publication Interchange Ltd., 1992.

ЛИХАЧЁВ, Дмитрий Сергеевич. Земля родная. Disponível em http://modernlib.ru/books/lihachev_dmitriy/zemlya_rodnaya/read_1/ Acesso em 09 de janeiro de 2019

ОТЕЧЕСТВЕННАЯ военная история. С

древнейших времён до наших дней. В трёх томах. Москва: Издательский дом «Звонница-МГ», 2003

ПЛАТОНОВ, Сергей Фёдорович. Лекции по русской истории. Москва: Высшая школа, 1993

ПОНОМАРЕНКО, П. К. Всенародная борьба в тылу немецко-фашистских захватчиков 1941 – 1944. М., Наука, 1986

ПОПОВ, Гавриил. 1941-1945. Заметки о войне. Москва: ООО «Агентство «КРПА Олимп», 2005

ПОХЛЁБКИН, В.В. Внешняя политика Руси, России и СССР за 1000 лет в именах, датах и фактах. Вып. II - Войны и мирные договоры, книга 3-я: Европа в первой половине XX века. Москва: Международные отношения, 1999.

СОРОКИН, П.А. Социология революции. М.: Астрель, 2008

ТАРЛЕ, Евгений Викторович. 1812. Год русской славы. Москва: Эксмо, 2012

ХАРКЕВИЧ, В. И. 1812 год в дневниках, записках и воспоминаниях современников: Материалы Военно-ученого архива

Главного штаба: в 2 кн., 4 вып. – Репринтное издание 1900–1907 гг. – СПб.: Альфарет, 2012

ШИРШОВ, Георгий. Они стали основным контингентом советской армии. *Военно-исторический журнал*, март, № 3 (575), 2008

(Artigo concluído em 09 de janeiro de 2019).

Abstract: *Understanding why a society fights against foreign invaders and comes in defense of its country, regardless of political and social oppression of its regime, urges us to reflect on the paradigm, which rests on the traditional cultural roots of the people and society, related to the historic feeling of Motherland. While presenting the narratives of three cases of a maximum patriotic expression of the peoples of Russia and of the Soviet Union in Russian history - the Patriotic War of 1812, the Civil War in Russia (1917-1922) and the Great Patriotic War (1941-1945), it is intended to assert, on the basis of selected Russian and Soviet historiography and some archive documents, that the tradition of Motherland spirit proved persistent in different historical periods and was crucial for the survival of the Russian and the Soviet state.*

Keywords: *Patriotism, Guerilla, Patriotic War of 1812, Civil War in Russia (1917-1922), Great Patriotic War (1941-1945)*